

Representações sociais de poder ¹

Rosane Immig,² Clélia Ma. Nascimento-Schulze³ e Brígido Vizeu Camargo⁴

Resumo

A presente pesquisa tenta responder como educadores de diferentes contextos escolares, em senso comum, tornam familiar o assunto poder. Ao redor desse saber, os grupos sociais tecem todo um conjunto de conhecimentos de senso comum no intuito de compreendê-lo. Os resultados obtidos revelam que predomina a idéia de que o poder na sociedade ca-

Abstract

This research tries to explain how educators in different school contexts deal with the subject of power at the level of common sense. Based on this knowledge, social groups weave a whole body of common sense knowledge in order to understand it. The results reveal that the predominant idea is that power in a

¹ Social Representations of Power.

² Universidade de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina - UDESC

³ Este estudo faz parte da Dissertação de Mestrado da primeira autora pelo Programa de Pós-Graduação Educação e Cultura da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, orientada pela segunda autora do Laboratório de Psicossociologia da Comunicação e Cognição Social (LACCOS), UFSC.

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina

pitalista tem sua origem no capital e que é exatamente neste elemento que se encontra uma das formas importantes de legitimação da autoridade. A pesquisa também revela que o poder se constitui na relação e que possui inúmeras alternativas de se manifestar. O poder democrático tem nas escolas e em suas autoridades constituídas, de forma legítima e com proximidade no consensual, o local por excelência para a construção de um referencial de poder.

capitalist society originates from the capital itself and that precisely in this element we find one of the important forms of legitimacy of authority. The research also reveals that power lies in relationships and has innumerable alternatives to disclose itself. In schools and in its constituted authorities, democratic power has a rightful opportunity to construct a power referral by consent.

Palavras-chave: representações sociais, poder, educadores, relação.

Keywords: social representations, power, educators, relationship.

O poder constitui assunto que, seguidamente, é discutido no cenário educacional e a ser explicado pelos sujeitos. Ao redor desse conhecimento, os grupos sociais/educadores tecem um conjunto de idéias e conhecimentos no intuito de compreendê-lo e comunicá-lo. Destas idéias e teorias dependem, muitas vezes, suas práticas e seus comportamentos cotidianos.

Um conceito útil de poder é colocado pela visão tradicional e deriva de teorias das ciências sociais que o explicam “como uma probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências” (WEBER, 1991, p. 33). Ligado a este conceito, define a dominação “como a probabilidade de encontrar obediência à uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis”. O poder é explicado sob o prisma do sujeito; o poder não é pensado sem aqueles que o possuem e será objeto de disputa entre classes.

Foucault (1987, p. 29) apresenta uma análise relacional de poder, considerando-o em sua teia de circularidade. Enfatiza o seu caráter de relação (assimetria), de funcionalidade e utilidade; “o poder como uma estratégia, onde seus efeitos não são atribuídos a uma apropriação, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas...”. Sua análise do poder

não prima o sujeito, não deriva de uma superioridade, mas objetiva a relação. Para ele, não existe algo unitário e global chamado poder, mas formas díspares, heterogêneas e em constante transformação, portanto, é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.

De qualquer forma, ao fazer um exame do fenômeno é preciso percebê-lo como inserido em suas reais condições de existência. Ele está presente nas relações humanas, manifestando-se em diversos segmentos e níveis e de formas variadas (veladas ou não), condicionando a atividade das pessoas. Portanto, fixa-se como um fenômeno da vida de relação entre os homens e grupos organizados. É esta amplitude de idéias e concepções que motivou a realização desta pesquisa, buscando a explicação e compreensão de educadores de diferentes contextos escolares a respeito do assunto poder. O objetivo foi diagnosticar e descrever as representações sociais de poder elaborados/adotados pelos educadores.

A teoria das representações sociais possibilitou um avanço significativo para a Psicossociologia. Esta teoria passou a abordar os posicionamentos dos indivíduos frente a objetos cotidianos como saberes reatualizados pelos grupos e não mais como reações singulares (FARR, 1995). Ao mesmo tempo que surgem por meio de processos de mediação social, as representações sociais tornam-se mediações para os indivíduos e/ou grupos. Elas emergem do universo cotidiano, do universo consensual, da experiência direta de interação e comunicação dos sujeitos no seu meio social, influenciando-se, também, pela cultura, crenças e pela história social, pelas práticas que perpassam essa experiência. Moscovici (1981, p. 181) define a representação social da seguinte forma:

um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no curso das comunicações interindividuais (...); elas podem até mesmo ser vistas como uma versão contemporânea do senso comum.

Jodelet (1986) assinala que as representações sociais são um saber prático, um saber de sentido comum, construído na prática vivida, nas relações de um grupo social. São uma forma particular de conhecimento, cujas funções são tornar familiar aqueles saberes desconhecidos ou não familiares, que são objeto das conversações entre os indivíduos;

remodelar e reconstruir os elementos do meio ambiente em que tem lugar os comportamentos e influenciar os comportamentos das pessoas (MOSCOVICI, 1978).

Sob o ponto de vista da dinâmica da familiarização com o não familiar, Moscovici (1978), destaca que as representações sociais envolvem os processos da ancoragem e da objetivação. A *ancoragem* consiste na classificação, nomeação e na integração do não familiar, de novos elementos no sistema de pensamento pré-existente, àquilo que já faz parte da nossa compreensão do mundo. *Objetivar* é converter idéias, conceitos em objetos do senso comum em algo quase físico. Para Jodelet (1986), a objetivação é a operação que permite a materialização da palavra e a reabsorção do excesso de significados pelos quais uma realidade é representada. Daí, de todas as palavras que representam um assunto, aquelas frações que melhor o descrevem por imagens constituem os núcleos figurativos (MOSCOVICI, 1978).

Atendendo ao objetivo desta pesquisa, foram entrevistados, em situação individual, 36 educadores de duas escolas (uma particular diferenciada e uma pública) do município de Florianópolis - SC, respondendo à pergunta: *para você, o que é poder?*

Para o tratamento analítico dos dados utilizou-se o Programa ALCESTE (Analyse Lexicale par Contexte du'n Ensemble de Segments de Texte) que, segundo Camargo (1998), efetua quatro etapas de análise: na primeira, o programa reconhece as unidades de contexto inicial e as divide em unidades de contexto elementar (*uce*) agrupando as palavras em função de suas raízes e frequência de ocorrências; na segunda, opera cálculos, com ajuda de matrizes de frequências, que classificam o conjunto de *uce* em função de seu vocabulário, a partir da distribuição das formas reduzidas. Aplica o método de classificação hierárquica descendente, repartindo as *uce* em classes, em função do seu vocabulário; a terceira, possibilita a descrição das classes obtidas com seus vocabulários característicos; e, a quarta etapa, executa cálculos complementares, fornecendo as *uce* mais características de cada classe, contextualizando as ocorrências de vocabulário das mesmas.

As entrevistas foram organizadas em um único *corpus* ou arquivo. O programa dividiu-o em 404 unidades de contexto elementar (*uce*), retendo, na análise hierárquica descendente, somente 236 destas *uce*,

subdivididas em quatro sub-conjuntos (classes de segmentos), indicando os contextos de significação de poder.

O primeiro contexto de representação do poder, traz conteúdos compartilhados por educadores com formação em nível de pós-graduação. A noção central organizou-se em torno dos elementos relacionados à sua definição do poder. O poder é identificado como relação; uma “coisa” que se cria na própria relação. Em alguns momentos, esta coisa é relacionada não de igual para igual, em outros, se constata a existência do poder permeando as pequenas coisas e seu cotidiano; um fenômeno presente em todos os lugares, porém algo “subjetivo”, não propriamente materializado, real, mas que está em todas as relações. Esta noção do poder remete, nas relações entre pessoas, a atitudes coercitivas, mas também a atitudes de respeito e de relativa igualdade: “...o poder é mais um equilíbrio nas relações entre os que mandam e os que obedecem...” (Educador 6, escola pública). Ainda compartilham o conteúdo domínio, que atribui ao fenômeno poder a noção de força que encontra sintonia com controle, imposição, limites, estabelecer comandos, portanto, com caráter coercitivo. Nesta noção, vinculam poder à dependência de um sujeito, onde há sempre alguém que manda e outros que obedecem.

Ao definir o poder, fazem uma associação com formas concretas que simbolizam a figura do poder. Nesta, referendam objetos, personalidades que marcaram a história, animais que representam força e resistência: “Se for um poder democrático, pensaria numa coisa mais leve, mais para anjo; agora, se for uma coisa mais autoritária, o poder pode ser simbolizado por uma armadura, por exemplo, daqueles cavaleiros típicos” (educador 21, escola particular). Nesta fala está presente a idéia do núcleo figurativo das representações sociais, que transformam noções abstratas em elementos quase tangíveis e visíveis no âmbito da vida cotidiana.

Próximo desta primeira representação social de poder, educadores da escola particular, apontam para uma outra representação social de poder, organizada em torno das diferentes possibilidades que o poder poderá assumir nas relações sociais: “A gente consegue perceber os poderes que são diferentes, de diversos tipos, quem exerce e a forma como exercem...” (Educador 27, escola particular). Compartilham o conteúdo de que existem caminhos diferentes e maneiras diversas pelas quais o poder se manifesta. Relacionam que as possibilidades de exer-

cícios de poder estão ligados a intenções que movem as pessoas ao exercício de determinado poder. Uma das formas está vinculada ao autoritarismo onde encontra identidade com repressão, dominação e controle; em oposição a esta possibilidade de exercício, relacionam a um poder mais democrático e que pode ser exercido sem ser opressor, justificando suas práticas e ideais de poder: "... Hoje eu tenho mais claro o tipo de poder que eu exerço, que eu busco, o poder que não teria a intenção de ser opressor" (Educador 29, escola particular). Os conteúdos desta classe trazem a preocupação com a forma e implicâncias do exercício de poder. Dizer que o poder se exerce de formas variadas é confirmar que o poder se exerce em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, tendo uma existência própria e formas específicas dentro do contexto (FOUCAULT, 1995).

Seguindo neste raciocínio do poder a partir da definição e das possibilidades de seu exercício nas relações sociais, educadores que atuam de 11 a 20 anos na educação, apresentam uma representação social de poder vinculado ao aspecto profissional, onde há uma forte identificação da escola como sendo um espaço institucional de exercício do poder. Os conteúdos compartilhados remetem à escola e as suas autoridades constituídas, de forma legítima, e com proximidade no consensual, o espaço para o desenvolvimento, no grupo, de relações que sirvam de modelo para o aluno construir um referencial de poder. Aqui entram as diversas formas pelas quais as escolas concebem e organizam seus projetos educativos. Há uma forte vinculação de poder a grupo, e como consequência, a necessidade de regras construídas coletivamente, e, neste processo de discussão, sistematização e controle, o aluno tem o professor e suas relações como modelo para a construção de um referencial de poder. "...O aluno precisa de um referencial para construir o seu. Ele precisa de um suporte para se apoiar e se o professor não o dá, isso vai gerar a indisciplina..." (Educador 27, escola particular). Nesta perspectiva, o conteúdo do poder, na escola, vem relacionado ao caráter da conquista, como um direito adquirido e legitimado. Neste movimento está a possibilidade da escola, desenvolver relações que objetivem a dinâmica da transformação e não de dominação.

Por fim, os educadores, principalmente da escola pública, apresentam uma representação social do poder, organizada em torno do aspecto econômico, expressão máxima da sociedade capitalista, vinculado à manipulação da mídia. O aspecto econômico do ter, aparece como condição que provê os meios através dos quais informações e pessoas são

manipuladas. “...Quem tem dinheiro domina..., pois é o ter que determina” (Educador 22, escola particular). Está presente a idéia de quem possui mais capital, tem mais poder em relação aos que estão despossuídos deste. A seu favor, o poder da mídia, exerce um papel fundamental na construção de representações sociais e que tem aceitação pela sociedade. Ela própria é um instrumento, dispositivo do poder usado pela classe dominante para divulgar a sua visão de mundo, sua ideologia. “Hoje, na sociedade, o poder está concretamente representado pelo dinheiro; hoje o poder tem esta representação social aceita e bastante manipulada pela mídia, pelos meios de comunicação” (educador 36, escola particular). Se, por um lado, poder é ter, por outro, este ter dá as condições para divulgar e manipular esta idéia do poder sob a forma de ter. Sendo assim, o poder está nas instituições econômicas e é igualmente associado com normas, cujas ações são referendadas pelo governo e seu aparato repressivo: “o poder... também se manifesta pelas normas, mas quem faz estas normas e as faz para cumprir é o governo através das pessoas encarregadas...” (Educador 8, escola pública). Por fim, esta identificação do poder ao aspecto econômico, remete à condição social, característica da sociedade capitalista, onde reinam as relações capital-trabalho. As desigualdades econômicas oriundas desta relação geram uma sociedade dividida em classes, que implicam em desigualdades sociais.

De forma sucinta, as representações sociais de poder elaboradas e/ou adotadas pelos educadores encontram eco na construção teórica do poder. Mesmo com tipos diferentes de existência do poder, os elementos comuns existem no relacionar humano, no pensar do homem, na escola, nas instituições econômicas e governos capitalistas. Porém, de forma dialética, também, nestas convergências ocorrem as contradições. Os primeiros contextos de significação de poder introduzem o fenômeno partindo da sua definição como objeto, remetendo-o a algo que se constrói na relação entre indivíduos, grupos ou classes. Como consequência, apontam para as possibilidades de seu exercício, encontrando no aspecto institucional escolar, na escola e suas autoridades constituídas, o local por excelência para a construção de um poder democrático e referencial. Porém, o antagonismo deste subconjunto de representações sociais de poder, está justamente no contexto de significação de poder, onde ele se localiza nas instituições econômicas da sociedade capitalista e, cujas ações são referendadas pelos governos.

A análise de representações sociais sobre o poder, para a área da educação, é de grande utilidade, possibilitando a identificação de modos compartilhados de pensar e de atuar, necessários à construção dos projetos educativos, reformas educacionais e até definição de políticas educacionais, uma vez que estas aparecem sempre vinculadas ao contexto político-histórico-social-institucional. Distorcidas, clareadas ou difusas, o fato é que as representações sociais do poder colocam-se a necessidade de uma reflexão do assunto nos contextos escolares e de se redimensionar as análises que tentam impor ou defender as relações de poder nele atravessadas.

Referências bibliográficas

CAMARGO, B.V. *Alceste*: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. Laboratório de Psicossociologia da Comunicação e Cognição Social. Centro de Ciências Humanas/UFSC, Florianópolis, 1998. (Comunicação Pessoal).

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. (org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.31-59.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987. 277p.

JODELET, D. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, S. (Org). *Psicología Social II*. Pensamiento y vida social. Psicología Social y problemas sociales. Barcelona: Paidós, 1986, p.469-494.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio Janeiro: Zahar, 1978. 290p.

MOSCOVICI, S. On social representations. In: FORGAS, J. P. (Org). *Social cognition perspectives on everyday understanding*. New York: Academic Press, 1981, p.181-209.

WEBER, M. *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.